

DISCURSO DE POSSE DO
PROFESSOR

AMÉRICO DE SIMAS FILHO

Exm^o Sr. Prof. Dr. Edgard Santos, Magnífico Reitor da Universidade da Bahia;

Exm^o Sr. Prof. Mendonça Filho, DD. Diretor da Escola de Belas artes da Universidade da Bahia;

Exmos. Srs. Profs. Drs. Isaias Alves, Albérico Fraga e Carlos Simas,

Digníssimos Diretores das Faculdades de Filosofia, de Direito e da Escola Politécnica da Universidade da Bahia;

Colenda Congregação da Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia;

Exmos. Profs. da Universidade do Brasil;

Exmos. Srs. Professores das outras unidades universitárias;

Digníssimas Senhoras;

Senhores;

Prezadíssimos estudantes.

Exm^o Sr. Prof. Dr. Jayme Gama e Abreu:

As bondosas palavras que V. Ex^a. em nome da Douça Congregação da Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia, acaba de proferir a meu respeito, são, bem o sei, fruto muito mais do bondosíssimo coração de V. Ex^a., do que de seu privilegiado cérebro, por mais que admire a êste.

Para responder, vou parafrasear o «Velho Simas», quando, em 1941, agradeceu à grande homenagem que lhe foi prestada, no Salão Nobre da Escola Politécnica, por todas as entidades de classe da Bahia, inclusive a Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia e a Escola Politécnica: existem momentos na nossa vida, e são os mais singulares, nos quais, forçoso é convir, na lingua portuguesa, as palavras são muito pobres para exprimir o que vai no nosso coração!

Muito obrigado!

Como um viandante que, após percorrer parte de seu caminho, pára, à sombra de árvore amiga, e, descansando, lembra o trajeto percorrido e planeja a etapa a vencer, assim

eu, neste momento culminante da minha vida, ao empossar-me no cargo de PROFESSOR CATEDRÁTICO DA ESCOLA DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DA BAHIA, nesta cerimônia nobre e comovedora, recordo-me do pretérito e viso ao futuro, sem deixar de sentir o presente.

Na fase que considero como sendo "ONTEM", exerceu influência fundamental, direta, em mim, aquêle de quem aprendi as mais sábias lições em minha vida, pelo exemplo e pela obra, tanto quanto pela palavra, e a quem reputo um Protótipo, Meu Pai, o PROFESSOR AMÉRICO FURTADO DE SIMAS.

A recordação de minha meninice apresenta-o sempre trabalhando, estudando, lutando pelo bem comum, simples e fraterno. A maneira pela qual frequentemente se referia às suas atividades didáticas, sua dedicação aos estudantes, "seus filhos", como os chamava, as referências a cenas de aulas e de exames, estas com as "fosforescências cósmicas", os "que rodavam na hipotenusas" e as "almas do outro mundo" em que se transfiguravam os "rapazes", ao serem chamados para o exame oral, seu acendrado amor às escolas em que lecionava e ao ensino em geral, seu verdadeiro sacerdócio no Magistério, tudo isso, desde muito cedo, me evidenciou o alto e subido valor do Professor e levou-me a estimá-lo a meta final de qualquer profissional liberal, ponto máximo, desde que exercido como o era pelo "VELHO SIMAS".

A escolha da profissão deixou ao critério de cada um, e cada um, natural e espontaneamente, se decidiu pelos mesmos campos por êle trilhados.

De minha parte, sempre me senti atraído pela Engenharia e Arquitetura, só não tendo completado o Curso de Arquitetura ao tempo em que fiz o de Engenharia, porque o Diploma da Escola de Belas-Artes da Bahia, não era então reconhecido. Contudo, dediquei-me, sem interrupção e com o maior carinho, ao seu estudo, sendo no campo da Técnica das Construções e Arquitetura, construindo e projetando, na obra e na prancheta, que preferentemente exerci a profissão.

Foi vendo e acompanhando o "VELHO SIMAS" na "ação nobre e elevada de guiar a inteligência nável pelos labirintos intrincados da ciência, ação cheia de responsabilidades, mas

repleta de recompensas para os que cumprem religiosamente o dever sagrado de transmitir o conhecimento com alma, não visando a mais do que a satisfação do dever cumprido”, quando, “guiando e desenvolvendo a inteligência que desabrocha, afetuosamente ensinava o sãõ preceito de moral e a indispensável lei científica”; apreciando o Planejador esclarecido e pioneiro no nosso meio, continuamente buscando soluções para os mais importantes problemas de base da nossa terra; e sempre a seu lado, de quem o eminente Prof. Jayme Cunha da Gama e Abreu, em oração proferida na sessão solene comemorativa do cinquentenário da Escola Politécnica da Universidade da Bahia, ocorrido em março de 1947, disse: “AMÉRICO FURTADO DE SIMAS, tu bem o sabes, não morreu. . . E’ junto àqueles que te deram vida e que ainda vivem, que lhe vemos o retrato risinho e afável. Na CIÊNCIA, polimorfo; na ESPECIALIZAÇÃO, sem par; no CRITÉRIO E NA HONRA, sem maior; na BONDADE e no CARINHO, um santo; na CÁTEDRA, um justo e um sábio; no TRATO SOCIAL, amigo. AMÉRICO FURTADO DE SIMAS, oh! Politécnica! eras tu, enfim, com tôdas as tuas galas, com tôdas as tuas honras, com tôda a tua modéstia, com todo o teu saber e com tôda a tua ETERNIDADE”; foi, repitc, vendo e acompanhando o “VELHO SIMAS” nestas atividades, que se deu a MINHA FORMAÇÃO.

Foi êle o primeiro a dizer-me: “Meu filho, quem tem um temperamento como o seu deve seguir o Magistério, porque um Professor que cumpre com o seu dever é independente, e nenhuma missão mais digna do que a de guiar a mocidade, sempre pura e generosa, pelos caminhos retos da vida! Um Professor, meu filho, ensina mais com o exemplo do que com a palavra, e a mocidade sempre é justa com aquêles que cumprem o seu dever”.

Insistiu sempre comigo, quando eu temia as responsabilidades da cátedra e os rigores dos concursos, não me achando, como não me achava, então, preparado para honrar o seu nome em provas públicas de tamanha envergadura, mas tanto me demonstrou o desacêrto do meu pensar que, por fim, concordei em preparar-me para ser substituto na Escola Politécnica e na Escola de Belas-Artes.

Aí, já há tempos era o seu assistente naqueles trabalhos que foi forçado a tomar, já sexagenário, em virtude da lei das desacumulações, desumanamente executada em 1937, quando no seu caso particular, já em idade avançada e com quase 40 anos de serviço público, se viu obrigado a encarregar-se de trabalhos árduos, inclusive no interior do Estado.

Desde a minha formatura, em dezembro de 1938, desejava êle que o Carlos o substituisse na cadeira de Física Aplicada, e eu na de Sistemas e Detalhes de Construção, ambas da Escola de Belas-Artes, tendo em vista as nossas inclinações e prática profissional.

No ano letivo de 1939, o Carlos começou a lecionar a cadeira de "Pontes, Grandes Estruturas Metálicas e de Concreto Armado", na Escola Politécnica, a cujos estudos se dedicou profundamente.

Passsei a estudar "Motores", familiarizando-me com o Hatton, o Reuleaux, o Lacoïn e outros, e preparando-me para substituí-lo, quando se aposentasse, dentro de pouco tempo.

O "VELHO SIMAS" foi eleito Diretor da veneranda e gloriosa Escola de Belas-Artes da Bahia, em 30 de maio de 1941, pósto que ocupava ao falecer em 21 de janeiro de 1944, em cujo período introduziu melhoramentos, trabalhando com grande entusiasmo e atividade, aparelhando gabinetes, aumentando a biblioteca, etc., dentro dos limitadíssimos recursos de que então podia dispôr a Escola. Viu reconhecidos pelo Governo Federal-velha aspiração da amada Escola — os cursos de Pintura, Gravura e Escultura, em dezembro de 1943, noticia que recebeu já doente. Recordo-me do carinho com que tratava das coisas desta casa e de que foi sempre em papel timbrado que encaminhou ao Govêrno do Estado o "Plano do Centésimo da Educação", no qual uma das instituições mais beneficiadas era a Escola de Belas Artes. Também evoco a alegria com que elaborou os planos para o ano letivo de 1944, contando com os meios provenientes da aprovação do "Centésimo", que iriam possibilitar amplo desenvolvimento da Escola, convicção com que faleceu, sendo uma de suas últimas satisfações.

Quanto aos motivos pelos quais tive que renunciar temporariamente aos meus propósitos de ingressar no magisté-

rio, naquela ocasião, são êles demasiadamente conhecidos de todos aquêles que acompanharam o "VELHO SIMAS" na última fase de sua vida, não sendo esta, por certo, oportunidade apropriada para recordá-los.

Passaram-se os anos, e a Universidade da Bahia se constituiu em 2 de julho de 1946, data em que o Governo do Estado, na sessão solene de sua instalação, realizada no Salão Nobre da Faculdade de Medicina, pela palavra do Secretário da Educação e Saúde, Prof. Alvaro Silva, tornou público, haver sido encaminhado o projeto de criação do "Centésimo de Educação", com emissão inicial de trinta milhões de cruzeiros, dos quais dez milhões se destinariam à Universidade da Bahia, com que o antigo sonho do "VELHO SIMAS" se fêz realidade por um momento, pois não se transformou em coisa concreta a promessa então feita.

O Carlos, atento aos conselhos do "Velho", já aqui robustecidos pelo desejo, também, de MINHA MÃE, que se recordava das palavras e do pensamento do MEU PAI, continuamente insistia comigo para que ingressasse no Magistério, principalmente a partir de 1948, quando juntos vivemos as fortes e terríveis emoções pelas quais passa uma Família, na circunstância de um dos seus membros submeter-se à árduas provas de um Concurso à Cátedra Universitária, o que êle fêz em julho do ano citado. Foi, posso declará-lo, o meu reencontro com o "ideal" sempre vivo e que estivera escondido por algum tempo, mas que aí repontava mais forte e vigoroso do que nunca. Accedi, condicionando-o à oportunidade e à correlação da matéria com a minha atividade profissional, uma vez que só podia pensar em exercer o Magistério dentro dos princípios do "VELHO SIMAS".

A oportunidade surgiu quando da transformação da Escola de Belas-Artes, que já integrava a Universidade da Bahia, em unidade federal, em dezembro de 1950. Aí o Professor ALBANO DA FRANCA ROCHA, titular da cadeira de "ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO-PRÁTICA PROFISSIONAL", optando por seu lugar de Engenheiro do Estado, sugeriu o meu nome para substituí-lo, de acôrdo com o Prof. MENDONÇA FILHO, Diretor da Escola, com o Carlos e comigo, que verifi-

quei possuir a cadeira estreita correlação de matéria com a minha atividade profissional de então, Diretor do "Escritório Técnico Simas, Ltda.", seu organizador e cuja Secção de Projetos dirigia, colaborando na Secção de Execução de Obras, orientada por mim durante muito tempo. Proposto ao Conselho Técnico Administrativo, pelo Prof. MENDONÇA FILHO, em sessão de 9 de março de 1951, foi o meu nome aceito, assim como pela Congregação que se realizou na mesma data. Em ofício nº 30-51, recebi a respectiva comunicação e o convite para assinar Contrato, o que foi feito no dia 15 de março de 1951. Nesse dia atentei para os dois Concursos e tomei comigo mesmo o compromisso de honra de inscrever-me ao de Docência-Livre, logo que fôsse aberto, por pensar, como ainda penso, que quem aceita um Contrato para lecionar, assume a obrigação de submeter-se a Concurso de Docência-Livre na primeira oportunidade, para legalizar a sua posição e honrar a confiança recebida.

Ia começar a exercer a profissão que era e é, para mim, o ponto máximo na vida de qualquer profissional de nível universitário, e na Escola de Belas-Artes da Bahia, ou seja naquela em que o "VELHO SIMAS" tivera as suas últimas satisfações como Professor e aonde, no desempenho ativo, entusiástico, renovador e progressista de sua direção, foi a morte surpreendê-lo, não mais porém, na cadeira que êle pensava, já então, como agora, dignamente ocupada pelo nosso ilustre colega o Prof. WALTER GORDILHO, mas em uma outra, da qual fora, êle próprio, pioneiro na Bahia, quer na sua divulgação, quer na sua aplicação: a ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO, tanto que muitos autores clássicos no particular, TAYLOR, FAYOL, KIMBALL, LE CHATELIER e outros, eu os conhecia já de sua biblioteca, assim como conhecia muito do que se escrevera sobre a PRÁTICA PROFISSIONAL DO ARQUITETO, através dos seus GAUDET, CLOQUET, e muitos outros. Compreendí que a cadeira de "ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO-PRÁTICA PROFISSIONAL", como podia ser lecionada, proporcionaria a mim grande oportunidade de ser útil aos estudantes, função precípua do Professor, animado em me conservar dentro da diretriz do "VELHO SIMAS".

A cadeira de "ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO-PRÁ-

TICA PROFISSIONAL”, do Curso de Arquitetura, foi criada na Escola de Belas-Artes da Bahia, pela Congregação, em sessão de 22 de junho de 1936, para ser lecionada a partir do ano letivo seguinte, entretanto, até o dia 8 de julho de 1941 não teve professor, porque faltavam alunos. No dia referido tomou posse de regente da cadeira, o Prof. ALBANO DA FRANCA ROCHA, nomeado por ato da Congregação, de 10 de junho do ano mencionado. O Prof. ALBANO ROCHA figura entre os mais provetos da Universidade da Bahia. Foi meu Professor na Escola Politécnica, em 1935, da cadeira de Topografia, quando já possuía nome firmado, quer pela sua comprovada competência na matéria, quer pelo rigôr e seriedade que sempre imprimiu ao seu curso, tornando-o um dos mais sérios do currículo da aludida Escola, situação que perdura até os dias atuais. Constituía, e constituiu de fato, para mim, subida honra, substituir tão eminente Professor, a quem rendo, nesta oportunidade, as minhas homenagens mais sinceras, ao tempo em que, de público, reitero o meu profundo agradecimento pela lembrança que teve do nome do seu antigo e modesto discípulo para a grande honra de substituí-lo na benemérita Escola de Belas-Artes da Universidade da Bahia, justamente no momento em que essa substituição importava em encargos sempre e cada vez mais graves, pelo lógico e natural desenvolvimento que esperava a Escola.

Lembro-me, como se fôsse hoje, do dia em que vim à Escola assinar o Contrato e daqueles nos quais dei as primeiras aulas. Desta casa, em 1951, embora funcionasse neste mesmo prédio em que nos encontramos, só existem, agora, as paredes externas! Chegava à Escola pela porta que, através da escada secundária, dava acesso à Diretoria, ocupando esta, sala comum com a Biblioteca e os Professores, a qual se transfigurava em Sala da Congregação e Salão Nobre, nas ocasiões precisas, ficando junto a ela a Secretaria, tudo onde hoje se encontra a Sala de Leitura da Biblioteca.

A minha sala de aula situava-se em ponto que já não existe. Para lá chegar, saindo da Diretoria, atravessava primeiro a sala onde o Professor AGUIAR, com a pontualidade e a eficiência de sempre, lecionava “Perspectiva, Sombras e Estereotomia”,

o qual costuma olhar-me por cima dos óculos, para certificar-se de quem atravessava a sua classe, estando êle em plenas funções. Desta atingia a passagem separada por uma balaustrada de madeira da sala onde os Professores OTÁVIO TORRES, TITO CÉSAR PIRES, LEOPOLDO AMARAL e CARLOS SIMAS, em diferentes dias e diversos horários, ensinavam proficientemente “Anatomia Artística”, “Física”, “Matemática” e “Física Aplicada”, passagem que conduzia à Portaria por uma escada final, já que o nível da Portaria era inferior ao das salas de aula: pelo fundo da sala de “Antomia Artística”, onde o “esfolado” e o “esqueleto” estavam sempre vigilantes, atingia o local a mim destinado, dotado, além da mesa e cadeira do professor, quadro negro e carteiras para os estudantes, de estantes com material para o ensino prático de Topografia e Física Aplicada, o desta sendo o embrião do seu atual Gabinete, justamente considerado o mais bem aparelhado do Brasil. Aí dei todo o curso de 1951 e a parte inicial do de 1952, transferindo-me depois para a sala do 2º pavimento, hoje de Português do vestibular, então com acesso, a partir da Diretoria, pela sala de “Perspectiva” donde, através da passagem da balaustrada, da escada descendente à Portaria, e desta, chegava-se ao *Hall* principal, daí pela célebre “escada de volta”, subia ao segundo pavimento, — pois o primeiro não era ocupado pela Belas-Artes e sim pela Escola Pública da Sé — e no segundo andar, pela Galeria ou pela passagem direta do patamar da escada, ia á sala de aula. A Galeria da Pinacoteca é a recordação mais antiga que guardo da Escola, porque, ainda rapaz, vim um dia aquí com o “VELHO SIMAS”, e a beleza da Galeria impressionou-me de modo a sempre recordá-la, conservavando, também a lembrança do antigo “Salão Nobre”, que ficava justamente por cima dêste em que nos achamos.

No segundo semestre do ano de 1952, o 1º Pavimento foi entregue à Escola, e as grandes, urgentes e indispensáveis obras de reforma total das instalações foram iniciadas, no velho e glorioso prédio central, onde prosseguiram até 1954. Já o curso do ano letivo de 1953, pôde ser dado nas novas salas dêste pavimento, cabendo-me a “sudeste”, — também de Matemática, Geometria Descritiva e outras disciplinas — para as aulas teóricas, pois os exercícios que exigem prancheta sempre tiveram

lugar em salas apropriadas, e no presente ano letivo, na ampla e nova sala para "Composição de Arquitetura", no recentemente construído "Pavilhão Miguel Navarro Y. Canizares", com o que se iniciaram as atividades didáticas no mesmo.

Nestes cinco anos incompletos, tivemos a oportunidade de ver e acompanhar de perto a cabal transfiguração do espaço ocupado pela velha e benemérita Escola, no sentido de proporcionar-lhe as melhores condições possíveis de funcionamento neste local, até a sua próxima transferência para ponto mais propício às suas múltiplas e importantíssimas atividades no seio da UNIVERSIDADE DA BAHIA.

Ao presente o enorme desenvolvimento atual da ESCOLA DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DA BAHIA, quer em instalações materiais, quer em espírito universitário; a unidade existente entre os seus corpos docente e discente; o interesse em aumentar os seus quadros docentes por intermédios de Concursos idôneos, os quais prosseguem e continuarão, estou certo, em ritmo crescente, até que seja completada a sua Congregação; a realização de Cursos de Extensão Universitária, como o que há pouco se realizou de Planejamento Urbano, com êxito integral em todos os sentidos em que se possa observá-lo; a criação do Instituto de Planejamento Urbano e Rural, destinado à formação cultural e à preparação de pesquisadores num dos campos mais salientes da ação profissional do Arquiteto, com o que se integra no verdadeiro e real conceito de Universidade, sabido que é a investigação, cronológica e hierárquicamente, a primeira função universitária; ao presenciar tudo isto, repito, é da mais inteira justiça realçar o esforço, o amor, a abnegação, em uma palavra, a devoção que o Prof. MENDONÇA FILHO, antigo e dileto aluno e hoje dinâmico DIRETOR, vem imprimindo às atividades desta casa, valendo resaltar, no nosso entender, o ambiente de harmonia que impera na Escola entre os professores, os funcionários e os estudantes, quer isolada quer conjuntamente, possibilitando êste enorme esforço construtivo que se observa, ao ponto de surpreender a todo aquele que se afastou da Escola ou a conheceu anteriormente, e a revê hoje. A MENDONÇA FILHO, neste instante solene de minha vida, desejo expressar, de público, o meu profundo agra-

decimento por todos os estímulos e por tôdas as atenções, assim como por todos os encargos que a mim prodigalizou desde o dia 15 de março de 1951, quando nos conhecemos, os quais, em verdade, contribuíram bastante para que, em tão curto espaço de tempo, pudesse eu percorrer tão dilatado caminho.

A equipe da Escola de Belas-Artes da Bahia, sob a regência de MENDONÇA FILHO, sempre tem contado com a compreensão e o entendimento do Magnífico Reitor da Universidade da Bahia, o Prof. EDGAR SANTOS, na realização de sua esplêndida transfiguração, e espera que êsse mútuo e profícuo esforço prossiga nesse crescendo, para maior dignidade, reputação e glória da ESCOLA DE BELAS ARTES E DA UNIVERSIDADE DA BAHIA.

No momento, porém, ao repassar, em verdade rápidamente, o que tem sido possível fazer nesta casa nos últimos cinco anos, fixemos nossa atenção também em ALBERTO VALENÇA, CARLOS SEPÚLVEDA, FRANCISCO CONCEIÇÃO MENEZES, LEOPOLDO AMARAL, ALBÉRICO FRAGA, FREDERICO SIMAS SARAIVA, ARISTIDES GOMES, OSCAR CAETANO, TITO CESAR PIRES, RAIMUNDO AGUIAR, JAYME GAMA E ABREU, WALTER GORDILHO e ISMAEL DE BARROS, remanescentes com MENDONÇA FILHO do grupo de abnegados que, a começar por MIGUEL NAVARRO y CAÑIZARES, JOÃO FRANCISCO LOPES RODRIGUES, JOSÉ ALIONNI, JOÃO FRANCISCO LOPES RODRIGUES FILHO, MANUEL SILVESTRE LOPES RODRIGUES, VIRGÍLIO DAMÁZIO e AUSTRICILIANO FERREIRA COELHO — fundadores em 17 de dezembro de 1877 desta Escola — e seguidos por BRAZ DO AMARAL, EDUARDO DOTTO, JOSÉ NIVALDO ALLIONI, AMÉRICO FURTADO DE SIMAS, PRESCILIANO SILVA, MANOEL LOPES RODRIGUES, AGRIPINIANO DE BARROS, OSÉAS SANTOS, CONSTANÇA LOPES RODRIGUES, ETELVINO SOARES, PASQUALE DE CHIRICO, ANTONIO NAVARRO DE ANDRADE, OSCAR SILVA LIMA, OTAVIO TORRES, e muitos outros, passando por todas as dificuldades possíveis e imagináveis, nunca perderam o ideal, já-mais desertaram da luta, em tempo algum permitiram a descontinuidade de seu funcionamento, e viveram permanentemente

tendo em espirito a imagem da Escola querida, não só como se encontra agora, mas como nunca se encontrará por mais e melhor que nós, os que vimos a êles nos reunir, a partir de 1946, posamos fazer e realizar por ela. visto como o que êles aspiraram e nós devemos pretender é a perfeição, e a perfeição é sobre-humana.



Ao assumir o cargo de PROFESSOR CATEDRÁTICO da ESCOLA DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DA BAHIA, — e quis o destino fôsse eu o primeiro a fazê-lo por concurso — ciente e consciente da responsabilidade que o fato representa, considero de meu dever externar-me sôbre como pretendo lecionar a minha cadeira e ao mesmo tempo tratar do ensino da Arquitetura, segundo a experiência e os estudos me aconselham.

A “Arquitetura é uma ciência que abarca uma grande variedade de estudos, devendo o seu praticante conhecer e julgar as obras de tôdas as artes que com ela se relacionam, fruto da prática e da teoria, pois uma sem a outra não forma o Arquitecto, já que sómente quem sabe reunir as duas — teoria e prática — atinge o seu fim com sucesso e prontidão iguais, e só quem conheça a perfeição *tanto uma como outra*, pode chamar-se Arquitecto”. Êstes conceitos”, estão entre os iniciais do Capítulo Primeiro, intitulado “Que é a Arquitetura e que coisas devem saber os Arquitectos” do Livro I, da imortal obra de VITRUVIO, o Grande Arquitecto da Civilização Helênica, “OS DEZ LIVROS DE ARQUITETURA”. O insigne Mestre, cuja obra foi de excepcional importância no ulterior desenvolvimento da Arquitetura Ocidental, e nos legou melhor do que nenhum outro o conhecimento da Antiguidade Clássica no que se refere à Arquitetura, ao Arquitecto e seus conhecimentos, e à ética profissional do mesmo, muitos de cujos conceitos são de marcante atualidade, numa demonstração de que os princípios racionais são permanentes, o insigne Mestre, repetimos, evidencia, cabalmente, que os gregos e romanos tinham na devida conta a necessidade imperiosa de se aliar o conhecimento teórico ao prático, no campo da Arquitetura.

Se continuarmos a pesquisar o desenvolvimento do Arquiteto na Civilização Ocidental, constataremos, sempre, que, até a Revolução-Industrial, a permanência desta constante, teoria-prática, é clara na formação do Arquiteto.

No Mundo Gótico, outro momento transcendente na história da Arquitetura, sabemos como o domínio da parte prática era absoluto, e também, pelos estudos mais acurados e recentes, como o estudo teórico, especialmente de geometria, desenho e aritmética, era desenvolvido, pois o "Trait", uma das operações fundamentais dos Mestres góticos, era uma solução de geometria descritiva pura. Conhece-se que o Arquiteto riscava em verdadeira grandeza o trabalho a ser feito em pedra, para execução pelos talhadores. As teorias e métodos dos Mestres medievais foram considerados segredos corporativos. Sabe-se, para ilustrar esta assertiva, que Gaspard Monge, no fim do século XVIII, teve acesso a alguns livros das corporações, onde compilou métodos de sistemas de projeção, daí surgindo a Geometria Descritiva.

Em Ocidental II, que vai do Renascimento ao século XIX, já na Revolução Industrial, deparamos o ensinamento já organizado da Arquitetura, em tipo semelhante ao que hoje conhecemos, que teve na "ACADEMIE ROYALE D'ARCHITECTURE" o seu protótipo, na qual vamos encontrar, desde o seu início, sob a sábia direção de François Blondel, em 1671, a orientação didática cogitando da Teoria e da Prática, aquela com a Teoria da Arquitetura, dada pelo próprio Blondel, Geometria, Aritmética, Mecânica e outras disciplinas, e a parte prática compreendendo Desenho, Fiscalização Arquitetônica, Corte de Pedras, Aparelhos e outras. Frisava-se, então, que, por mais glorioso que fôsse distinguir o Arquiteto do Operário, aquele não pode se esquecer da arte e dos processos da construção. Esta situação perdurou até a passagem do sistema corporativo para o industrial. Até aí o Arquiteto desenvolveu papel preponderante dentro do processo construtivo, em todos os tempos.

A partir do período que precedeu imediatamente à Revolução Industrial, os Arquitetos vinham se dedicando, com afinco, aos ornatos, à fachada, considerando indigna de sua profissão a preocupação com indústrias e operários. Viviam em "torres

de marfim”, jogando com cornijas, molduras, frontões, estuques, etc., dedicando-se a uma Arquitetura puramente artística, sem o menor contacto com a realidade, anti-popular e anti-social. A Revolução Industrial, êsse fato que em meio século produziu a maior mudança social de nossos tempos, deixou-os indiferentes, como se êles fôsem Arquitetos de outros planetas e as suas construções se destinassem a abrigar pessoas diversas daquelas que formavam as sociedades da época, nos diversos países. A Arquitetura, tem-se afirmado com segurança, só muito lentamente foi influenciada pelas imensas modificações que se operaram nas atividades social, técnica e econômica dos povos, desde a Revolução Industrial.

Em 1747, Perronet fundou em Paris a “École des Ponts et Chaussées”, com o que “se consagra a artificial divisão entre Arquitetos Decoradores e Arquitetos Construtores ou Engenheiros”, no dizer de Bruno Zevi, que com essa assertiva resume sábiamente o que se deu. Aos impulsos da Revolução Francesa, fundou-se em Paris, no ano de 1794, “l’Ecole Polytechnique”, dedicada, conforme o próprio espírito revolucionário, aos estudos relativos às aplicações práticas da ciência em constante evolução, vinculando ciência e sociedade, sob cuja inspiração se deu o desenvolvimento da rede de estradas de ferro e de rodagem, e outros empreendimentos de repercussão social positiva.

Por outro lado, em 1806, sob Napoleão, fundou-se “l’École des Beaux-Arts”, fiel à tradição do antigo regime no que dizia respeito ao papel da Arquitetura, que devia afastar-se de qualquer influência da nova técnica, permanecendo pura em sua índole artística.

Como muito bem afirma o Prof. Paulo Santos, em recente discurso, “ Nas Escolas de Belas-Artes criaram-se cadeiras de estilos históricos, nas quais cada estilo do passado era dissecado e codificado em regras, fórmulas e traçados gráficos (como até hoje se faz em tôdas as escolas de arquitetura) regras, fórmulas e traçados que serviam, depois, às aulas de composição, nas quais teve, assim nascimento a maneira de ensino convencional e estéril, generalizada em todo mundo, até hoje conhecida pelas expressões “Acadêmica” e “Beaux-arts” e de que foi principal centro de irradiação a Escola de Belas-Artes de Paris”.

O resultado dessa orientação, como não podia deixar de ser, foi a confusão. Os Arquitetos superiores à técnica, os Engenheiros projetando e construindo as fábricas, estações de estradas de ferro, vilas operárias, etc., contribuindo para o ambiente artificial a respeito dos campos de atividade dessas profissões, que se criou em tôda parte, o qual só recentemente vem se esclarecendo, com o reconhecimento da necessidade do trabalho em cooperação, em equipe, intervindo cada qual no conjunto das ocupações dentro das atividades mais adequadas à sua profissão, mas em colaboração e não em competência, mesmo porque, com o evoluir da técnica e da ciência, cada vez mais é necessário o trabalho em equipe, para a realização dos serviços de maior interesse coletivo.

Exemplo marcante dêsse novo espírito que anima as relações entre os Arquitetos e os Engenheiros, temo-lo nas Resoluções do Congresso da União Internacional de Arquitetos, realizado em Lisboa em 1953 o qual, no particular, estabeleceu:

“1º — A utilidade e a importância das relações entre arquitetos e engenheiros estão unanimemente reconhecidas.

2º — Os progressos na arte de construir serão muito mais amplos se for possível estabelecer uma colaboração fecunda entre arquitetos e engenheiros.

3º — Entende-se que a profissão do arquiteto e do engenheiro são duas profissões distintas e que cada uma delas é livre de pedir a colaboração da outra quando o julgar necessário.

4º — É indispensável que um acôrdo seja estabelecido para fixar as atribuições próprias a cada profissão.

5º — A formação do arquiteto deve permitir que êle fale a linguagem técnica dos engenheiros especializados, devendo, por sua vez, o engenheiro desenvolver o seu sentido plástico.

6º — Ao arquiteto cabe a tarefa de conceber a obra e de dirigir e coordenar a atividade de todos aqueles que colaborem para a sua realização.”

O tipo de ensino de Arquitetura anteriormente esboçado permanece em vigor ainda em nossos dias, na quase totalidade das escolas de Arquitetura do mundo, embora tenham exis-

tido espíritos pioneiros e avançados que vêm alertando sobre a sua inconveniência.

Nós todos que ensinamos nas escolas de Arquitetura sentimos a necessidade imperiosa e inadiável de retomar o velho e correto sentido na preparação do Arquiteto, que sempre prevaleceu no passado, conferindo-lhe a posição de Mestre da Construção.

O Arquiteto, para poder desempenhar a sua missão de "Mestre da Indústria de Construção", precisa ser preparado de modo a que aie aos conhecimentos teóricos, que são vastos e importantíssimos, domínio da parte prática de sua profissão, o que não se verifica nos dias atuais. Quem desconhecer os segredos da arte de construir não pode ser Arquiteto proficiente, porque, entre outros pontos, ao detalhar o seu projeto, fase importantíssima, embarça-se e se perde, não conseguindo realizar trabalho útil e proveitoso.

O eminente Arquiteto Walter Gropius, seguramente um dos que sentiram, com mais sabedoria, o erro dos processos acadêmicos na preparação do Arquiteto, divorciado que fica este da prática profissional na construção, criador da "BAUHAUS" e reorganizador, em 1936, de departamento de Arquitetura de HARVARD UNIVERSITY, autoridade excepcional na matéria, em seu recente trabalho sobre um "PLANO PARA O ENSINO DA ARQUITETURA", expõe idéias de uma lógica extraordinária para quem quer que tenha vivido os problemas da formação do Arquiteto, quer praticando a profissão, quer ensinando com interesse de ser útil aos estudantes de Arquitetura. Dentre as magníficas conclusões a que chegou, faremos referências àquelas que mais de perto se relacionam com o nosso objetivo, quando ficará patente o que vimos afirmando sob a permanência dos princípios fundamentais.

Sua primeira conclusão é a seguinte: "O Arquiteto deve ser um coordenador — um homem de visão e de competência profissional — cuja missão é unificar os numerosos problemas sociais, técnicos, econômicos e plásticos, inerentes à construção. O Arquiteto deve ter consciência do impacto do maquinismo e explorar a nova escala de relações ditada pelo progresso científico e social".

A Revolução Industrial ou Era maquinista, como gosta de chamar Le Corbusier, proporcionou novas oportunidades à construção, mesmo sabendo-se que o processo da construção industrializada demorou mais para se aperfeiçoar do que outros campos de produção. Entre nós mesmos, os métodos do artesanato ainda dominam, embora paulatinamente a mecanização da construção vá impondo-se.

Consequência da Revolução Industrial, o progresso técnico criou e está criando condições novas em todos os campos da atividade humana, sendo que, entre todos, é inegável que a indústria de construção representa um daqueles em que o progresso foi mais lento. Certas exigências da civilização maquinista nos transportes, na recreação do corpo e do espírito, nas mais diversas técnicas auxiliares, têm sido satisfeitas em grande escala nos países mais avançados, mas, em verdade, nada que possa a isso corresponder tem sido feito no que tange à Habitação, função primeira que encerra esta parte inestimável da vida que é a intimidade, a sensação de ser dono de si mesmo, de não depender de ninguém, a não ser de si ou daqueles que constituem a própria estrutura de nossa vida: espôsa e filhos, sendo, a um só tempo, abrigo material e espiritual.

Se compulsarmos as estatísticas relativas ao progresso das diversas indústrias, veremos que a de construções se classificará entre as mais atrasadas. Muitos têm afirmado que o "Trabalho de construção consiste na execução de edificações variáveis em seu gênero e em sua importância, nos lugares os mais diversos, com materiais e segundo processos sempre diferentes". Dêste modo, torna-se difícil organizar, racionalizar e industrializar a fundo a indústria da construção.

Todavia, com as grandes destruições provocadas pela última guerra, a solução do problema foi acelerada e o progresso feito é bastante apreciável. Otto Rodé, conceituado especialista que se tem dedicado ao assunto, em sua obra "*L'Industrialisation dans le Batiment et les Travaux Públicos.*", aponta como sintomas de uma nova época para a indústria da construção, os seguintes:

A simplificação; a planificação; a normalização e a tipização mais acentuadas; a prefabricação de elementos ou de

imóveis inteiros, novos processos que rompem com as antigas tradições; o estudo de novas condições de resistência dos materiais; a isotermy; a pesquisa e o emprêgo de novos materiais de construção; a mais corrente utilização de máquinas diversas e a introdução dos métodos de organização científica, procurando-se, assim, com todos êstes esforços, diminuir o trabalho humano e aumentar o mecânico, vale dizer, conferir à máquina a sua verdadeira função social de libertar o homem do trabalho pesado, e satisfazendo ao princípio hedonístico ou dos fisiocratas de procurar obter o máximo de rendimento com o mínimo de esforço.

Mesmo no nosso meio, onde êstes problemas ainda não foram devidamente abordados, nota-se já a utilização corrente de máquinas na indústria da construção. É evidente, porém, que, o emprêgo dos métodos modernos de organização racional do trabalho, aplicados segundo as características próprias de cada empresa, constitui um dos mais decisivos fatores de sucesso.

Destarte, ante a sempre crescente importância da organização racional do trabalho na indústria da construção civil e na organização das empresas de Arquitetura, procurarei aperfeiçoar os conhecimentos dos estudantes no particular, não só no que tange às empresas que se dediquem somente ao projeto e à fiscalização arquitetônica, como, também, às que se encarreguem de operar na indústria da construção civil, quer na fase de preparação, quer na de execução, tornando o mais objetivo possível o ensino neste domínio cada dia mais destacado da prática profissional do Arquiteto, o qual "deve ter consciência do impacto do maquinismo e explorar a nova escala de relações ditada pelo progresso científico e social".

Da mesma maneira que em todas as ciências, artes e técnicas, assim também na Arquitetura existe uma base, um conhecimento fundamental a adquirir, antes de que qualquer Arquiteto possa se utilizar dos meios que são colocados à sua disposição para a realização de sua obra. Este apóio, esta CULTURA deve poder fazer o Arquiteto compreender e sentir o Programa que lhe tenha sido dado, o qual será levado a feito em um meio determinado, em um país, onde êle deve unificar os numerosos problemas sociais, técnicos, econômicos e plásticos ine-

rentes à construção. Esta Cultura é que permitirá ao Arquitecto captar, com a sua alma de artista, o sentido da Composição, da Plástica, vale dizer, do Conteúdo e da Forma, conduzindo-o também na escolha dos materiais os mais apropriados aos fins que tem em mira, e lhe proporcionando, ainda, pelo conhecimento da prática da construção, o poder de levar a efeito a obra planejada.

Vejamos, agora, outras conclusões de Gropius, directamente ligadas ao ensinamento de Vitruvius, segundo o qual "sòmente quem sabe reunir as duas — teoria e prática — atinge o seu fim com sucesso e prontidão iguais e só quem conheça a perfeição, tanto uma como outra, pode chamar-se Arquitecto":

4ª — O conhecimento será vital sòmente mediante a experiência individual. Por conseguinte, em todos os níveis, projetar e construir — a prancheta e a obra — deverão estar estreitamente ligados. A prática da obra não deverá ser acrescentada como uma experiência separada, no fim de uma formação académica de vários anos. Deverá formar parte integrante do programa de estudos;

5ª — No curso do primeiro ano, a prática fundamental combinada do desenho e do trabalho manual familiarizará os estudantes com os elementos de composição — superfícies, volume, espaço e côr e simultaneamente com os elementos de construção e de estrutura, seguindo os exercícios no espaço a três dimensões, executadas com ferramentas e materiais. Ao mesmo tempo um curso de composição, enfocando problemas reais, deverá concentrar toda a atividade do grupo sòbre o fim social de melhorar a vida da comunidade. Nêste estudo de conjuntos iniciais deverão ser incluídos elementos de urbanismo;

6ª — Durante os cursos do segundo e terceiro ano, o "atelier" de "projeto e construção", completado pela experiência prática adquirida durante as férias e pelas diversas atividades de laboratório, correlacionará a experiência suplementar com o conhecimento. A expressão "experiência de obra" não se refere a um trabalho efetuado em um atelier (oficina) senão à prática efetiva na obra, como assistente do encarregado ou do mestre da obra. Esta experiência de obra — que não será menor de seis meses — deverá ser obrigatória para a obtenção do diplo-

ma de Arquiteto. Deverá incluir, também, o conhecimento das indústrias de construção;

7ª — A construção deverá ser ensinada com uma parte e um elemento da composição, da qual é diretamente solidária. Deve dar-se a ambas a mesma importância: o estudante não poderá passar a um ano superior enquanto a sua preparação fôr deficiente em qualquer das duas. Os problemas de composição e construção deverão estar ligados às condições reais do terreno e da posição, e às de utilização do imóvel. Deverão considerar-se inseparáveis aos anteriores os problemas de interesse da comunidade, entre os quais avulta por sua importância o fator economia;

8ª — Com o fim de aprender os métodos de colaboração deverão treinar-se os estudantes no trabalho em equipe, e igualmente no trabalho com outros estudantes de técnicas similares. Isto os preparará para a sua missão vital, que será a de coordenar as atividades de numerosos indivíduos comprometidos na concepção e execução de tarefas de urbanismo e de construção. A noção do trabalho em equipe conduzirá os estudantes de Arquitetura à Arquitetura sólida, "Anonima", em lugar do exibicionismo superficial".

São evidentes os pontos de contacto entre o conceito teoria-prática, na formação do Arquiteto, desde Vitruvius aos Góticos, François Blondel, e agora a Gropius, o que demonstra que os princípios fundamentais são permanentes. Este, no século XX, exige e pede para o Arquiteto, conservadas as devidas proporções, aquilo que Vitruvius, representante do pensamento da Civilização Helênica, no particular, preconizava como necessário à formação do mesmo.

Sempre, desde o primeiro momento, como Professor, em vista da experiência profissional e da prática nos trabalhos de projeto e construção, por cerca de 15 anos, recordando as dificuldades que tive de vencer, aquilo que me foi útil na prática profissional, venho batendo-me por que o estudante obtenha a experiência individual, e que em todos os anos de curso, "projetar e construir — a prancheta e a obra" — estejam o mais estreitamente ligados, como muito bem sabem os meus discípulos, desde 1951. Essa conclusão, aliás, é natural, e a ela chega

todo aquêles que vive o processo projetar-construir com intensidade, demonstrada que está a sua permanência por tão dilatado espaço de tempo. Continuamente, com outros colegas da Escola, tenho trocado idéias a respeito, considerando a prática da construção na obra como condição indispensável ao programa de estudos do Arquiteto, afim de que êste, projetando e construindo enquanto estudante, do princípio ao fim, possa, na sua vida profissional, retomar a posição de Mestre Construtor, como o foi, em todos os tempos, até o início da Revolução Industrial.

Nesse sentido, conseguimos, com o Eng. NILTON FURTADO DE SIMAS, da Companhia Construtora Nacional, S. A., uma das mais conceituadas emprêsas da indústria de construção civil no país, que os estudantes de nossa cadeira estagiem nas suas obras, para que obtenham a "experiência de obra" na prática efetiva da construção, assistindo o diretor da obra e acompanhando o seu completo desenvolvimento. Os estudantes dêste ano já estagiarão na construção do novo edifício da Caixa Econômica Federal, a dois passos da Escola, e os do ano vindouro no prédio mencionado e no edifício-sede da Petrobrás S. A. na Bahia, para o que já foi aberta inscrição. Êstes estágios serão por prazo nunca inferior a seis meses. Articulei-me com o Prof. WALTER GORDILHO, da cadeira de Sistemas Estruturais, no intuito de que oriente os estudantes na parte estrutural. Igualmente com o Prof. BINA FONYAT tenho conversado, no sentido de que haja integração do binômio composição-construção, já que ambas são essenciais à formação do Arquiteto. Está em cogitação a realização de um projeto completo, no segundo semestre de 1956, com a participação dos professores de tôdas as cadeiras interessadas, em aulas teóricas, práticas e de seminário, para que os estudantes, nas mais aproximadas condições da verdadeira prática profissional, possam, trabalhando em equipe, realizar um projeto completo. Os Professôres WALTER GORDILHO, DIÓGENES REBOUÇAS, OSCAR CAETANO, GAMA E ABREU e CARLOS SIMAS, juntamente comigo, constituem a equipe que pretende levar a efeito esta experiência, a qual, esperamos, será coroada de completo êxito.

No ano em curso, levei a efeito, conjuntamente com os Professores OSCAR CAETANO e WALTER GORDILHO, aula

prática no canteiro de serviço da Escola Politécnica, com excelente resultado, o que nos anima a ampliar grandemente o sistema do ensino mediante a experiência individual, conjugando, tanto quanto possível, em todos os níveis, " a prancheta e a — projetar e construir".

Procedendo dêste modo, procuramos seguir a multi-secular tradição na prática profissional do Arquiteto, segundo a sábia lição de Vitrúvio, continuada em tôda a Civilização Ocidental até a Revolução Industrial, e retomada, agora, no século XX, por todos aquêles que viveram os problemas da Arquitetura, dos quais tomamos Gropius como símbolo, pelo seu destacado papel no particular.

A União Internacional dos Arquitetos, órgão máximo internacional da classe, no seu Congresso de Lisboa, de 1953, em "Resoluções à Formação do Arquiteto", entre outras coisas, afirma como princípios: "A formação do Arquiteto é uma progressão contínua. Ela está fundada sôbre uma ampla cultura e exige um espirito de síntese. Homem completo, o arquiteto adquire o seu equilíbrio pelo exercício simultâneo das disciplinas corporais, intelectuais, estéticas e morais. Seus conhecimentos fundamentais, fisiológicos, científicos e técnicos lhe permitem abordar e arbitrar os problemas humanos que êle deve definir, coordenar e resolver. E' desejável que aquêle que se destina à Arquitetura tenha um espirito ávido de conhecer e criar, uma inteligência aberta e viva, de bom senso e julgamento corretos. Desenvolver-se-á nele a sensibilidade plástica, a noção de espaço, a imaginação e a memória visual, o sentido do humano e o carater". Como se assemelha em sua essência ao que foi escrito há 2.000 anos!

Estas são algumas indicações do modo como pretendo orientar o ensino da cadeira de "ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PRÁTICA PROFISSIONAL", no CURSO DE ARQUITETURA da ESCOLA DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DA BAHIA, sempre procurando inspirar-me no "Velho SIMAS".

A nossa Escola encontra-se em ótimas condições para o ensino da Arquitetura, segundo a melhor experiência atual na espécie, como veremos a seguir.

As escolas de arquitetura mais eficientes são aquelas de pequenos efetivos, vale dizer, de 100 a 150 estudantes, pois nesse caso a "atmosfera intensa" que o criador da BAUHAUS considera como o "imponderável de mais valor na escola", possibilita a mútua participação dos corpos docente e discente em tôdas as atividades, o que, em verdade, se passa entre nós e deve ser preservado e estimulado, satisfazendo a ESCOLA DE BELAS ARTES DA BAHIA a essa condição, certamente a mais decisiva para o sucesso do ensino da arquitetura.

A eficiência do ensino da arquitetura — é pacífico — depende do número de alunos por professor. Quando êsse número é elevado, o rendimento é muito baixo. O reformador do departamento de Arquitetura da "Harvard University" considera convenientes 16 alunos, no máximo, por professor. Essa condição, igualmente destacada, é satisfeita na nossa Escola.

Assim, podemos ficar jubilosos com o fato de que a gloriosa ESCOLA DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DA BAHIA satisfaz a alguns dos requisitos fundamentais para a eficiência das escolas de Arquitetura, consoante padrões aconselhados pelo mais renomado professor de Arquitetura de nossos tempos.

Constatamos, assim, que no século XX se preconiza, para a formação do Arquiteto, uma preparação teórico-prática de igual sentido ao que praticou Blondel e doutrinou Vitruvius, 2.000 anos antes, considerando todos como êste que a "Arquitetura é uma ciência que abarca uma grande variedade de estudos, devendo o seu praticando conhecer e julgar as obras de tôdas as artes que com ela se relacionam, fruto da prática e da teoria, pois uma sem a outra não forma o Arquiteto, já que somente quem sabe reunir as duas — teoria e prática — atinge o seu fim com sucesso e prontidão iguais, e só quem conheça a perfeição, tanto uma como a outra, pode chamar-se Arquiteto".

E' a retomada do ensino da Arquitetura conforme padrões que possam conduzir o Arquiteto a reconquistar a sua posição de Mestre Construtor, perdida quando da eclosão da Era Maquinista.

E', como sempre temos visto e observado, a permanência dos princípios fundamentais verdadeiros e racionais, como cons-

tante é a necessidade de que tãda construção satisfaça às três condições eternas,

FIRMITAS, UTILITAS, VENUSTAS
— SOLIDEZ, UTILIDADE e BELEZA —

para que possa ser considerada boa.

E que ESCOLA DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DA BAHIA, possuidora de requisitos tão favoráveis ao ensino da Arquitetura, e de cuja Congregação fazem parte professôres que tão árduamente desejam ver o seu Curso de Arquitetura atingir a pontos constantemente mais altos, os quais sem sombra de dúvida, são aquêles que conduzirão à formação de Arquitetos de elevado nível, conforme os padrões antes indicados, que realizem a continuidade multimilenar do papel do Arquiteto na Civilização Humana, possa, sempre e cada vez melhor, cumprir a sua elevada missão na UNIVERSIDADE DA BAHIA, com o que nós, e os que nos sucederem, nada mais faremos do que honrar a memória, o desprendimento, a renúncia, em suma, o ideal daquêles que a fundaram e sustentaram contra todos os obstáculos, possibilitando o risonho presente, que profundamente almejamos se transfigure em flamejante futuro, para honra e glória de nossa caríssima BAHIA e estremecido BRASIL.